



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

ANÁLISE E VIVÊNCIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA E.I. MARCELINO ALVES DE MATOS

Érika Holanda Loupo da Silva
Universidade Federal do Ceará
erika-loupo@hotmail.com
Larissa Carlos da Costa
Universidade Federal do Ceará
larissacarloscosta@gmail.com
Itallo Fernandes Carvalho
Universidade Federal do Ceará
itallofc@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Educação Indígena tem por objetivo salvaguardar as tradições, são os ensinamentos tradicionais do cotidiano que caracterizam esse povo, já a Educação Escolar Indígena envolve além das tradições as linguagens e o conhecimento científico, por isso é fundamental que a instituição de ensino seja bilíngue e que os docentes tenham uma formação adequada e que sejam preferencialmente da comunidade. Sabemos que apesar da melhoria na qualidade do ensino, ainda existem muitas dificuldades a serem suplantadas para que se vejam realmente na prática as propostas para essa modalidade de ensino.

Algumas leituras fundamentaram e foram basilares para a concretização da pesquisa, pois abordaram do espaço escolar, da educação indígena e da formação docente, portanto foram essenciais para compreendermos do ponto de vista legal o espaço escolar e as especificidades da modalidade indígena de educação. Assim sendo, é de suma importância que nós enquanto licenciandos possamos a partir da pesquisa, conciliar teoria e prática, termos indissociáveis, compreendendo a partir da observação, do olhar crítico a realidade da Educação Indígena no contexto atual de sociedade. As análises foram realizadas na Escola Indígena Marcelino Alves de Matos, localizado no município de Caucaia, na comunidade Sobradinho, às margens da BR 222. A comunidade é pertencente aos Índios Tapebas, uma das 13 escolas indígenas divididas entre as 17 comunidades dos Tapebas.



O presente trabalho se desenvolveu na perspectiva de compreender o ensino de Geografia e os conceitos pertencentes à disciplina na modalidade da educação indígena tendo também como propósito o comprometimento de vivenciar a escola como um todo, conhecendo a estrutura física e pedagógica, os objetivos, a metodologia aplicada e as dificuldades trilhadas dia-a-dia pelo ambiente escolar indígena, ou seja, entendendo-a como um espaço de pesquisa, o estágio é concebido como um momento de reflexão e aprendizagem a partir da observação crítica reflexiva torna-se significativo, portanto momento de construção de saberes docente.

2 METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolveu primeiramente com revisão bibliográfica, com leituras fundamentais, sobre: a escola indígena; o currículo que as gere; ensino de Geografia; relação-professor aluno. Tais eixos se tornam base para que ao chegar na escola pudéssemos analisar de forma crítica e reflexiva a E.I. Marcelino Alves de Matos.

Predispomo-nos a realizar a pesquisa de maneira qualitativa, realizando entrevistas com a coordenação da escola, professores, líderes comunitários e alunos. Permitindo-nos compreender o convívio escolar, conhecendo desde as lutas de base do movimento indígena Tapeba e as preocupações e transformações relacionadas a escola propriamente.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As modalidades de educação diferenciadas é uma realidade em todo território nacional, asseguradas legalmente tanto pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) como pelo Plano Nacional de Educação (PNE). A modalidade de educação Indígena representa a "luta" por uma educação que atenda de fato a necessidade e interesses dessas comunidades. As políticas atuais têm por base valorar e garantir uma educação mais significativa para essas populações dando a elas maior autonomia e democracia, diferente de outrora onde se propagava uma política integracionista.

A comunidade Sobradinho lutou pela escola na comunidade porque as crianças indígenas eram discriminadas pelos não índios das escolas



convencionais. E também pela distância, porque perto da comunidade não havia escola. Ela também foi idealizada para realizar um sonho de uma pessoa mais antiga da comunidade, pois ele sonhava com uma escola dentro da aldeia e que todas as crianças da aldeia pudessem estudar e se formar em uma escola específica. Por esse motivo a comunidade decidiu homenageá-lo, colocando seu nome na escola, que é Marcelino Alves de Matos.

Primeiramente podemos levar em consideração um dado bastante agravante que é a não aceitação do ser índio por alguns alunos, pois estes já passaram por escolas convencionais e nestas foi criada uma diminuição do ser índio Tapeba por outras comunidades não indígenas, sendo isto impregnado na mente dos alunos da comunidade, havendo então uma preferência a não ser denominado com Tapeba, contudo e apesar das dificuldades da escola, nota-se que existem aqueles alunos que gostam e preferem o ensino indígena, e compreendem sua proposta de propagação da cultura e preservação da mesma, no relato de alguns alunos notamos que a sua concepção de ser índio se constrói através do conhecimento propalado na vida escolar.

É na fala de alguns sujeitos sociais que notamos o quão importante a escola se torna para que estes indivíduos se sintam parte desse grupo. A escola exerce, portanto, uma função social dentro da comunidade, pois é formadora e transformadora de opiniões. Nessa perspectiva foi realizada uma atividade com as crianças do sexto ano que teve o intuito de leva-los a construir saberes a partir do cotidiano e de seus espaços de vivências, espaços que perpassam da escola à comunidade indígena, os alunos construíram um *Portfólio*, objetivando ainda leva-los a refletir em conjunto, a demonstrar qual o sentido para eles de se reconhecerem como indígenas e de uma educação diferenciada, qual o sentido e significado para e em suas vidas, partindo do conhecimento deles, mas direcionando para questões que envolviam elementos da cartografia, território, espaço e identidade cultural.

Através da escrita e do desenho levar o aluno a refletir sobre o seu espaço a partir dos temas: o que é ser índio?; meu lugar no mundo; minha escola e minha comunidade; e um breve histórico sobre a escola e a comunidade, neste momento também tivemos participação do coordenador e



a secretária da escola, sendo eles membros ativos na luta Tapeba. O que se pode constatar é que apesar de na sala de aula esse conhecimento não ser valorado como de fato deveria ser, os alunos não se veem como integrantes do currículo folclórico do qual eles pertencem nas escolas regulares, mas sim como um povo de identidade singular, que resistem, salvaguardando seus costumes e valores, seja na dança ou no artesanato que eles aprendem e exibem em sua escola.

4 CONCLUSÃO

Conhecer uma modalidade de educação com parâmetros que fogem ao nosso senso comum de escola foi um grande aprendizado e foi fundamental para que pudéssemos vislumbrar metodologias diferenciadas, que mesmo apresentando muitas características semelhantes ao currículo das escolas “convencionais” é notório que não se trata de uma escola “tradicional” isso percebemos principalmente entre as relações sociais entre alunos, funcionários e professores.

Por fim concluímos que trabalhar a pluralidade, a interdisciplinaridade seja dentro ou fora da sala de aula é um dos desafios posto ao magistério. Apesar de a escola ser um ambiente totalmente aberto para os alunos e comunidade alguns ainda não se identificam por não acharem que ocorrem diferenças entre escola indígena e não-indígena, porém como a grande maioria já estudou em escolas não-indígena reconhecem que sofriam preconceito e que na atual escola isso não ocorre, portanto eles veem este fato como algo muito positivo. Pensar na legislação e no vivenciado é constatar que ainda é preciso muito para que este seja um espaço diferenciado em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002078.pdf>. Acessado em 27 de maio de 2014.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso: 28 de maio de 2014



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acessado em: 28 de maio de 2014.

Freire, Paulo. Política e educação: ensaios / Paulo Freire. – 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Aprendizagem da profissão docente. Brasília: Liber Livro, 2012.

MILHOMEM, M.S.F dos S. Educação escolar indígena: As dificuldades do currículo intercultural bilíngue. Disponível em: http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_3/SESSAO_L_FORUM_Pg_95_102.pdf. Acessado em: 27 de maio de 2014.

MONTE, N. L. E agora, cara pálida? Educação e povos indígenas, 500 anos depois. Revista Brasileira de Educação. 2000. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1413-24782000000300008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acessado em: 05 de maio de 2014.
